

CENTRO PAULA SOUZA  
ETEC JUSCELINO KUBITSCHEK DE OLIVEIRA  
ENSINO MÉDIO INTEGRADO AO TÉCNICO EM ADMINISTRAÇÃO

FABRICIA SILVA BATISTA  
MARIA FERNANDA VIANA ABREU  
RIKELME QUEIRÓS MONTEIRO  
VITÓRIA APARECIDA BERILO DOS SANTOS

DE QUE FORMA AS DISTOPIAS ALERTAM SOBRE OS PERIGOS DO  
AUTORITARISMO E DA CENSURA

DIADEMA, SÃO PAULO

2025

FABRICIA SILVA BATISTA  
MARIA FERNANDA VIANA ABREU  
RIKELME QUEIRÓS MONTEIRO  
VITÓRIA APARECIDA BERILO DOS SANTOS

**DE QUE FORMA AS DISTOPIAS ALERTAM SOBRE OS PERIGOS DO  
AUTORITARISMO E DA CENSURA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Ensino Médio integrado ao técnico em Administração da ETEC Juscelino Kubitschek de Oliveira, orientado pelo Prof.º Rodolfo Ângelo Correia Gerstenberguer, como requisito parcial para obtenção do título de Ensino Médio integrado ao técnico em Administração.

Orientador: Prof.º Rodolfo Ângelo Correia Gerstenberguer

Diadema, São Paulo

2025

Dedicamos este trabalho aos que resistem nas brechas de mundos controlados, aos que mantêm acesa a chama do pensamento apesar da vigilância. Aos que, como Katniss e os guardiões da memória de *Fahrenheit 451*, carregam coragem, ideias proibidas e a força de permanecer de pé. E dedicamos também a nós, que escrevemos este estudo enfrentando cansaços, silêncios e dúvidas — tornando-nos nossa própria resistência. Enquanto a chama não se apaga, a revolução continua.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente agradecemos a nós mesmos por toda dedicação e empenho, somos gratos pelo companheirismo do nosso grupo que fez com que esse trabalho se desenvolvesse satisfatoriamente.

Agradecemos ao nosso professor Rodolfo Ângelo Correia Gerstenberger, cujas orientações, correções, ternura, gentileza, cuidado e valiosos ensinamentos foram fundamentais para nosso desenvolvimento acadêmico e profissional.

Agradecemos às nossas famílias por todo apoio, zelo, paciência, compreensão, cada palavra de incentivo, por cada gesto de carinho e por acreditarem em nós.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	8
1.1 Questão problema .....	9
1.2 Objetivo .....	9
1.3 Justificativa .....	9
1.4 Metodologia .....	9
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	10 2.1
Distopia, autoritarismo e censura .....	10
2.1.1 Autoritarismo e suas vertentes .....	11
2.1.2 Censura nas formas de governo .....	14
2.2 O autoritarismo nas distopias literárias e cinematográficas .....	15
2.2.1 Jogos Vorazes – Gary Ross e Francis Lawrence .....	14
2.2.2 A Revolução dos Bichos – George Orwell .....	25
2.2.3 Fahrenheit 451 – Censura e alienação .....	26
2.3 Convergências entre cenários reais e universos fictícios .....	30
2.3.1 O Processo – Franz Kafka .....	31
2.3.2 1984 – George Orwell .....	33
2.3.3 Kafka e Orwell: reflexos de momentos históricos .....	35
<b>3 PESQUISA DE CAMPO</b> .....	37
3.1 Análise da pesquisa quantitativa .....	37
3.2 Análise da pesquisa qualitativa .....	42
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>5 REFERÊNCIAS</b> .....	47

## RESUMO

O objetivo desse estudo é analisar de que forma as distopias alertam sobre os perigos do autoritarismo e da censura na sociedade passada e atual. Para isso, buscamos através de artigos acadêmicos e referências literárias sobre o tema distopia, incluindo governos antigos autoritários e soberanos. Ao longo dessa pesquisa falaremos sobre como a distopia funciona como um **alerta de incêndio** contra o autoritarismo e a censura, ao criar narrativas que imaginam futuros sombrios onde governos opressivos controlam a sociedade e suprimem as liberdades individuais. Também faremos uma relação sobre governos ao longo da história e suas relações com a distopia e como exemplo citaremos cinco livros para exemplificar um governo distópico. Realizamos diversas pesquisas utilizando a coleta de dados e análise, com o propósito de compreender a questão abordada neste trabalho sob um viés de especialistas\profissionais nas áreas de sociologia e psicologia. Dessa forma, este estudo permite compreender que as distopias não são apenas obras de ficção, mas instrumentos críticos que revelam, por meio de exageros intencionais, tendências reais presentes em diferentes períodos históricos.

**Palavras-chaves:** distopia, censura, autoritarismo, governo, opressão.

## ABSTRACT

The objective of this study is to analyze how dystopian novels warn about the dangers of authoritarianism and censorship in past and present societies. To this end, we searched academic articles and literary references on the theme of dystopia, including ancient authoritarian and sovereign governments. Throughout this research, we will discuss how dystopia functions as a warning sign against authoritarianism and censorship, creating narratives that imagine dark futures where oppressive governments control society and suppress individual freedoms. We will also make a connection between governments throughout history and their relationship to dystopia, and as an example, we will cite five books to illustrate a dystopian government. We conducted various research projects using data collection and analysis, with the purpose of understanding the issue addressed in this work from the perspective of specialists/professionals in the fields of sociology and psychology. Thus, this study allows us to understand that dystopias are not merely works of fiction, but critical instruments that reveal, through intentional exaggeration, real trends present in different historical periods.

**Keywords:** dystopia, censorship, authoritarianism, government, oppression.

## 1. Introdução

Os governos distópicos, frequentemente retratados como regimes totalitários, são caracterizados por um controle absoluto sobre a vida dos cidadãos, onde a liberdade individual é suprimida em nome de uma suposta ordem e estabilidade. Nessas sociedades fictícias, a população é subjugada, privada de voz e submetida a um sistema de opressão que elimina qualquer forma de dissidência. A censura é uma ferramenta fundamental para manter o poder, e aqueles que ousam expressar opiniões contrárias ao regime enfrentam consequências drásticas, que vão desde a perseguição até a eliminação física. Esse cenário desolador pinta um mundo onde a felicidade e a satisfação são quase inatingíveis, substituídos por uma existência marcada pelo medo, conformidade e desesperança.

A representação de governos totalitários nas distopias não é mera ficção, mas uma extrapolação de tendências e eventos históricos reais. Regimes autoritários do século XX, como o nazismo, o fascismo e o stalinismo, serviram de inspiração para muitas obras distópicas, que amplificam esses modelos de controle para criticar suas consequências desumanas. Em 1984, George Orwell retrata um Estado onipresente que monitora cada aspecto da vida dos cidadãos, enquanto em *O Conto da Aia*, Margaret Atwood explora um regime teocrático que subjuga as mulheres e elimina qualquer resquício de autonomia individual. Essas narrativas evidenciam como a concentração de poder e a supressão das liberdades básicas podem levar a sociedades profundamente injustas e opressivas.

Além disso, as distopias revelam como a felicidade e a satisfação são frequentemente ilusórias nesses contextos. Em *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, a população é mantida em um estado de aparente contentamento por meio do controle biológico e psicológico, mas essa "felicidade" é artificial e vazia, construída sobre a negação da liberdade e da individualidade. Essa crítica à falsa sensação de bem-estar sob regimes opressivos ressoa com questões contemporâneas, como o uso da tecnologia para manipular comportamentos e emoções, ou a propagação de narrativas que distorcem a realidade em benefício de grupos dominantes.

Neste trabalho, buscamos explorar como os governos distópicos, enquanto representações de regimes totalitários, refletem e amplificam os medos e as preocupações da sociedade em relação ao poder, à liberdade e à dignidade humana. Ao analisar obras clássicas e contemporâneas do gênero, pretendemos compreender como essas narrativas alertam para os perigos da concentração de poder, da censura e da opressão, e como elas nos convidam a refletir sobre os valores que devem guiar nossas sociedades. Em um mundo onde a vigilância em massa, a desinformação e a erosão das liberdades civis são temas cada vez mais presentes, as distopias continuam a ser um instrumento poderoso para questionar o presente e imaginar futuros alternativos.

## 1.1 Questão problema

De que forma as distopias alertam sobre os perigos do autoritarismo e da censura.

## 1.2 Objetivo

Este trabalho tem como objetivo analisar como as distopias literárias alertam sobre os perigos do autoritarismo e da censura, refletindo as ameaças que regimes totalitários impõem às liberdades individuais. Através da ficção, essas obras alertam sobre o impacto negativo de um governo opressor, mostrando as consequências de um controle absoluto sobre a vida das pessoas e, muitas vezes, da manipulação da verdade.

-Mapear de que maneira o autoritarismo e a censura fazem parte da realidade distópica de uma sociedade

-Entender em uma perspectiva histórica e social a realidade das distopias

-Identificar os meios pelos quais as distopias se manifestam

## 1.3 Justificativa

Em primeiro lugar, a distopia, como gênero literário e cinematográfico, apresenta narrativas que exploram cenários futuros sombrios, nos quais a humanidade enfrenta regimes totalitários, colapsos ambientais, desigualdades extremas e a perda de liberdades individuais. Essas histórias não apenas servem como entretenimento, mas também como alertas sobre os rumos que a sociedade pode tomar caso certas tendências atuais não sejam revistas. Ao estudar obras clássicas como 1984 de George Orwell, ou Fahrenheit 451 de Ray Bradbury, é possível identificar paralelos preocupantes com a realidade atual, como a vigilância massiva, a manipulação da informação e a erosão da privacidade.

Além disso, a distopia permite uma reflexão crítica sobre questões urgentes do nosso tempo, como o avanço descontrolado da tecnologia, a crise climática, a polarização política e o impacto das redes sociais na formação da opinião pública. Esses temas são centrais para compreender os desafios do século XXI e, portanto, merecem atenção acadêmica.

Outro aspecto relevante é a popularidade do gênero distópico entre o público jovem, evidenciada pela série O Conto de Aia e de franquias como Jogos Vorazes. Esse fenômeno cultural reflete uma geração que se identifica com histórias de resistência e luta contra sistemas opressivos, o que torna o tema ainda mais pertinente para uma pesquisa acadêmica. Estudar a distopia significa, portanto, compreender os anseios e medos das novas gerações.

## 1.4 Metodologia

O termo metodologia compreende ao estudo do método, precisamente no ramo da pesquisa científica, é o estudo analítico e crítico dos métodos de investigação utilizados. Quando interpretada de forma errônea o sentido empregado ao termo pode relacionar regras fixas ao modo de pesquisa, porém, cada trabalho depende do tema e projeto de pesquisa, seguindo um caminho específico (ZANELLA. 2011, p.22).

Este trabalho teve como finalidade a realização de um estudo com o objetivo de compreender de que forma as distopias alertam sobre os perigos do autoritarismo e da censura.

A classificação da pesquisa quanto aos seus objetivos, se divide em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas (KIPNIS, 2005). A opção que mais se aproximará ao tipo de estudo foi explicativa. Isto porque a pesquisa que está sendo feita tem como objetivo “esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno” (MORESI. 2003, p.9). Esse trabalho será realizado por meio do procedimento de abordagem indireta.

Na pesquisa serão utilizadas as ferramentas Microsoft Word e Google Forms, que possibilitam documentar o referencial bibliográfico do presente trabalho e realização da pesquisa de campo para coleta de dados, respectivamente.

Dessa forma, utilizando desta metodologia será possível alcançar os objetivos gerais do trabalho, bem como responder à questão problema que foi levantada.

## **2.1 Distopia, Autoritarismo e censura**

As distopias são um dos fenômenos culturais mais marcantes da atualidade, em geral aparecendo sob a forma de um cenário ameaçador, um futuro sombrio, um presente alternativo, um passado opressor, ou ainda como misto ucrônico de todos esses tempos.

Para que possamos entender a distopia, é imprescindível, ainda que de forma geral, revisarmos o conceito de utopia, pois o surgimento da distopia pode ser visto como uma extensão do desenvolvimento do gênero utópico. Com base nessa visão, criou-se uma base histórico-filosófica que forneceu as condições materiais necessárias para que Morus pudesse escrever sua obra. Thomas Morus foi um filósofo, escritor, advogado, diplomata e estadista inglês, ele criou o termo para fazer referência a um lugar perfeito com um governo perfeito. Viver uma utopia significa viver um sonho irrealizável. O gênero que ele desenvolveu possui uma dinâmica única, através de uma estrutura que, ao partir de elementos da realidade, reconstrói possíveis cenários e narrativas que a História existente ainda não havia realizado. Berriel reconhece que essa ideia está fundamentada na "Poética" de Aristóteles, especialmente quando o filósofo afirma que a poesia tem um alcance maior que a História, pois a poesia realiza, até o fim, o que a História apenas esboçou. Aristóteles discute, no capítulo IX da Poética:

Dessa forma, a principal diferença entre o historiador e o poeta não está no fato de escreverem em verso ou prosa (pois as obras de Heródoto, por exemplo, poderiam ser escritas em verso e continuariam sendo histórias), mas sim naquilo que eles narram.

Enquanto o historiador descreve o que de fato aconteceu, o poeta revela o que poderia acontecer, ou seja, o que é possível conforme a verossimilhança e a necessidade. A poesia, portanto, é mais filosófica e mais profunda que a história, pois ela se refere ao universal, enquanto a história lida com o particular. Quando Aristóteles fala sobre o "universal", ele se refere a atribuir a um personagem de determinada natureza pensamentos e ações que, por necessidade e plausibilidade, são condizentes com essa natureza. Já o "particular", pelo contrário, trata dos eventos específicos que ocorreram com indivíduos como Alcibiades, por exemplo.

De acordo com o artigo escrito por Leomir Cardoso Hilário, as distopias problematizam os danos prováveis caso determinadas tendências do presente vençam. É por isso que elas enfatizam os processos de indiferenciação subjetiva, massificação cultural, vigilância total dos indivíduos, controle da subjetividade a partir de dispositivos de saber etc. As distopias continuam sendo utopias, no sentido que Jacoby (2001, p. 141) lhe deu, isto é, não apenas como a visão de uma sociedade futura, mas como uma capacidade analítica ou mesmo uma disposição reflexiva para usar conceitos com a finalidade de visualizar criticamente a realidade e suas possibilidades.

Elas contêm um pessimismo ativo, muito próximo dos frankfurtianos da primeira geração, cujo objetivo é impedir, por todos os meios possíveis, o advento do pior (LÖWY, 2005a, p. 24). Ao pôr o futuro no registro do piorável, e não do melhorável como na utopia, as distopias facilmente podem ser confundidas como apologias da decadência.

### **2.1.1 Autoritarismo e suas vertentes**

A distopia está relacionada diretamente com o autoritarismo, em que um governo distópico é revestido pelo autoritarismo e suas vertentes.

A partir da ascensão de regimes totalitários no início do século XX, como o nazismo, o fascismo e o comunismo, o mundo acadêmico começou a se interessar profundamente pelo conceito de autoritarismo e suas relações com fenômenos, tais como etnocentrismo (atitude que consiste em julgar outras culturas a partir da perspectiva da própria cultura, considerando-a como superior) e preconceito, bem como com o apoio de indivíduos às ideologias autoritárias (Stellmacher & Petzel, 2005). No entanto, nos últimos anos, voltamos a ver o crescimento do apoio a regimes totalitários, principalmente no oriente médio. Um regime totalitário pode ser comparado com uma tirania, que foi uma das primeiras formas de governos utilizadas e demolida por ser extremamente opressiva. Dessa forma, podemos ter a percepção de que ao invés do mundo progredir ele está regredindo, acerca de que a tirania foi um regime de governo usado pelos povos homéricos (primeiros povos) assim que formaram a civilização grega. Atualmente vemos governantes agindo como tiranos de forma arbitrária, sem considerar a justiça ou equidade e a sociedade parece fechar os olhos para isso e são facilmente manipulados, sendo um povo sem questionamento e submisso ao governo.

Um governo autoritário pode ser considerado distópico se forem observadas as atitudes de quem está no comando, porque assim como na distopia, o autoritarismo impede a liberdade de

expressão, e submete as pessoas a obediência absoluta ao governo sem alternativa de se impor e caso desobedeçam são sobrepujados à castigos severos. Atualmente temos como exemplo o governo dos Estados Unidos, que após Donald Trump assumir o cargo, o país está sendo encaminhado para um autoritarismo direto, tendo como suas primeiras decisões o banimento de imigrantes e deportação de muitos. De acordo com a notícia escrita por Sandra Cohen postada no G1.globo ele também proibiu manifestações a respeito da comunidade LGBTQIA+. Sua postura está de um ditador absoluto e sem chance de mudanças da parte dele, e vale ressaltar que a população já conhecia seu caráter e o que era capaz de fazer, e mesmo assim votaram a seu favor. Em síntese, pode-se notar que essa é uma população cega, inquestionável e sem consciência de seu próprio futuro, característica de um autoritarismo.

Atualmente, a política está dividida em duas vertentes: direita e esquerda. A política de direita, no espectro político, defende valores como a liberdade individual, a economia de mercado, a ordem social e a importância da tradição. De acordo com o jornal “BCC News Brasil” (2021), os termos “direita” e “esquerda” remonta à Revolução Francesa onde os membros da Assembleia Nacional se dividiam em grupos políticos, com os que defendiam a monarquia no lado direito e os que apoiavam a república e a mudança social no lado esquerdo, além disso, o filósofo Karl Marx publicou o livro "Manifesto Comunista" com todos os conceitos defendidos pela esquerda. Em geral, a direita tende a rejeitar políticas de igualdade social e distribucionistas (teoria econômica que afirma que os ativos produtivos do mundo devem ser amplamente possuídos em vez de concentrados), e a apoiar a redução do papel do Estado na economia e na sociedade, enquanto a política de esquerda, no espectro ideológico, geralmente defende uma maior igualdade social, com ênfase na promoção do bem-estar e na redução das desigualdades. Ela se opõe à concentração de riqueza, defendendo uma maior intervenção do Estado na economia e a implementação de políticas sociais. Observando esse contexto, pode-se notar que o autoritarismo está inserido nessas duas vertentes, pois são lados extremistas, não existe um meio termo e nenhuma das duas posições ideológicas são 100% boas para a sociedade.

O autoritarismo do mundo atual é posto para a população de forma indireta, tal como, muitas pessoas não percebem que estão sendo vítimas de um autoritarismo. Alguns países como: Venezuela e Cuba possuem líderes autoritários que deixaram o país e a população em péssimo estado. A economia da Venezuela, por exemplo, está em situação precária e a voz da população não está sendo ouvida, enquanto os governantes possuem ótimas condições financeiras, grande parte da população está vivendo em estado de pobreza total. Segundo a matéria escrita no “CNN Brasil” o atual presidente da Venezuela assinou um decreto de emergência econômica, os postos de petróleo enfrentam desafios, incluindo sanções, queda na produção e falta de investimento. Com isso, pode-se concluir que um governante autoritário só piora a situação do país e das pessoas que nele habitam.

Como foi citado, o autoritarismo está presente ainda na Venezuela e em Cuba, mas não só nesses países. O autoritarismo global refere-se à ascensão de sistemas políticos com características autoritárias em diferentes países e regiões do mundo. Isso inclui a concentração de poder, o enfraquecimento da democracia, a supressão da oposição e o uso de medidas coercivas para controlar a população. O autoritarismo global é considerado um desafio à

democracia e à liberdade em todo o mundo. Na Alemanha, sugere-se frequentemente na literatura que existe uma direita porque talvez o nacional-socialismo não foi elaborado tão bem ou porque o antifascismo na Alemanha Oriental seria apenas de natureza formal (Frei et al. 2019). De acordo com (Demirović. 2022, p. 02) isso sugere, na verdade, que, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a libertação do jugo dos nazistas e, assim, depois da reunificação, todos deveriam ser democráticos no sentido da Constituição de Bonn. (A Lei Fundamental de Bonn, também conhecida como Constituição alemã, foi promulgada a 23 de maio de 1949, em Bonn, e estabelece a estrutura jurídica da República Federal da Alemanha. Em essência, o Artigo 3º da Constituição alemã, como qualquer constituição, estabelece as bases para a organização e funcionamento do Estado, incluindo as garantias de igualdade perante a lei, a liberdade de crença e a liberdade de expressão). Porém, tudo indica que ocorre precisamente o contrário. A derrubada do nazismo, ou do fascismo, e a queda das ditaduras militares não eliminaram de modo algum as formas objetivas de pensamento e as formas políticas que são constitutivas da própria sociedade burguesa. Grupos políticos, redes informais de lideranças e relações com a sociedade civil persistem ou se constituem, eles reorganizam-se e se reagrupam. Os elementos ideológicos são rearticulados ou as ênfases se alteram.

### 2.1.2 Censura nas formas de governo

De acordo com o site “Brasil Escola”, a censura é uma prática usada, principalmente, em regimes autoritários nos quais o governo proíbe a circulação de ideias e informações, limitando-as, além de barrar e proibir diversas manifestações artísticas. A censura pode ter inspiração política ou moral. É realizada por meio de órgãos governamentais que tentam controlar o que pode e não pode ser tornado público.

Desde a Idade Antiga é possível ver indícios de censura presente nas formas de governo, nem sempre os direitos humanos foram respeitados, apenas a partir da implementação da democracia e da criação da Constituição de 1988 que os direitos humanos pararam de serem feridos. Durante a Idade Antiga a soberania era a Igreja, época em que o governo era teocrático e as pessoas eram frequentemente censuradas e caso alguém se opusesse contra qualquer ideia ou lei teocrática passava por torturas profundas. Um grande dado sobre essa época foi quando Galileu Galilei descobriu que o modelo cosmológico do universo é o heliocentrismo e não o geocentrismo. Para a Igreja o centro do universo era a Terra e quando o astrônomo e físico Galileu Galilei descobriu que o centro de tudo era o Sol e todos os planetas orbitavam em torno do mesmo, a igreja lhe deu a “opção” de renunciar a sua descoberta e desmenti-la, caso ele não o fizesse seria severamente torturado, desse modo vemos que o astrônomo foi vítima de uma censura, Galileu Galilei foi obrigado a dizer que sua descoberta era falsa por uma crença da Igreja que não tinha base e nem fundamentos válidos, podemos observar que antigamente as autoridades abusavam de seus poderes.

Os objetos de tortura utilizados eram horripilantes, deixavam as pessoas horas ou até dias agonizando de dor, como forma de castigo para quem desrespeitasse a Igreja. Matavam as mulheres na fogueira para que não tivessem participação dentro do governo, matavam-nas com

a justificativa de que as mulheres davam ouvido ao diabo, fazendo apologia a história de Adão e Eva.

Outro fato histórico que mais se tem dados de censura foi durante a Ditadura Militar no Brasil. De acordo com o site “Toda Matéria” a Ditadura Militar no Brasil foi um regime autoritário que teve início com o golpe militar em 31 de março de 1964, com a deposição do presidente João Goulart. O regime militar durou 21 anos (1964-1985), estabeleceu a censura à imprensa, restrição aos direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime. Durante a Ditadura qualquer um era morto e muitos não tinham nem motivos para serem mortos, até hoje há dados de pessoas desaparecidas que não foram encontradas.

No filme “Ainda estou aqui” conta a história de Rubens Paiva que foi um engenheiro civil e político brasileiro que exerceu a função de deputado federal, representando o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), assassinado pela ditadura militar.

Na madrugada de 20 de janeiro de 1971, após a detenção de Cecília de Barros Correia Viveiros de Castro e Marilene de Lima Corona por agentes do Centro de Informações da Aeronáutica (CISA), no aeroporto do Galeão, foram encontradas cartas de militantes políticos exilados no Chile. Tendo em vista que Rubens Paiva era um dos destinatários das cartas, no mesmo dia seis agentes armados com metralhadoras invadiram a casa do deputado cassado. Rubens Paiva foi levado em seu carro para prestar depoimento no Quartel da 3ª Zona Aérea, à época comandada pelo tenente-brigadeiro João Paulo Moreira Burnier. . Desde seu sequestro, já foram iniciadas as torturas. No mesmo dia 20 de janeiro, Rubens Paiva, Cecília de Barros Correia Viveiros de Castro e Marilene de Lima Corona foram conduzidos para o DOI-CODI do I Exército (RJ). Os familiares do deputado permaneceram incomunicáveis, detidos em sua casa durante todo o dia. No dia seguinte, Eunice Paiva e sua filha Eliane, então com 15 anos, foram também levadas ao DOI. Apesar da confirmação dos agentes do DOI de que Rubens Paiva estava detido lá, Eunice e a filha não estiveram com ele. Após diversas sessões de interrogatório, Eliane foi libertada no dia 23, enquanto Eunice permaneceu detida até o dia 2 de fevereiro, ocasião em que viu o carro do marido, um Opel Kadett, no pátio interno do quartel. Apesar da família ter levado roupas para Rubens Paiva no Ministério do Exército, no Rio de Janeiro, os agentes recusaram o recebimento sob o pretexto de Rubens Paiva não se encontrar em nenhuma organização militar do I Exército. Em documentos oficiais fica atestada a entrada de Rubens Paiva no DOI, em 20 de janeiro de 1971, encaminhado pelo Quartel da 3ª Zona Aérea, pela equipe do CISA, além da descrição de documentos pessoais. Diversos testemunhos e documentação analisada pela Comissão Nacional da Verdade comprovam a permanência de Rubens Paiva no DOI-CODI do I Exército, onde foi torturado e executado.

Foi somente durante a Comissão Nacional da Verdade (CNV) que confirmada a morte de Rubens Paiva. A comissão, instituída em 2012, no governo de Dilma Rousseff, tinha como objetivo investigar e documentar as violações dos direitos humanos durante a ditadura militar. Durante a comissão foi confirmado e esclarecido que Rubens Paiva foi torturado e morto em instalações militares.

Com essa história de Rubens Paiva podemos notar que o engenheiro foi torturado e executado sem motivo aparente, pois a única coisa que ele fazia era enviar cartas dos exilados para seus familiares, mas para os militares ele fazia parte dos rebeldes que se revoltavam contra o governo militar, no final de tudo Rubens foi morto por nada e injustamente. Até sua mulher e sua filha que não tinham nada a ver com a história das cartas foram mantidas no DOI em situações precárias. O filme mostra o quanto a família era unida, feliz e alegre e o quanto esse episódio afetou todos, perderam toda a alegria e felicidade, a casa que sempre era calorosa e vivia cheia de gente virou uma casa de aura escura e fria. A família de Rubens Paiva demorou anos para saber que ele realmente tinha morrido, viveram muito tempo com essa dúvida e esse vazio. Ele desapareceu em 1971 e só souberam que ele realmente tinha morrido em 1996, quando a Lei dos Desaparecidos foi aprovada permitindo a emissão do atestado de óbito. A família não foi notificada da morte durante a ditadura militar, e a situação jurídica de Rubens, que se tornou impossível de resolver após a morte, causou grande sofrimento.

Até hoje os responsáveis pela sua morte não foram punidos, graças a anistia (perdão concedido por um poder soberano ou legislativo a um grupo de pessoas, geralmente por ofensas políticas, suspendendo perseguições e anulando condenações) esses militares não foram castigados e muitos são até venerados, mostrando o caráter sádico e desprezível de muitos brasileiros.

## **2.2 O Autoritarismo nas distopias literárias e cinematográficas**

Com a descrença generalizada nascida após a Primeira e Segunda Guerra Mundial, a destruição física e moral dos países em conflito gerou uma desconfiança em relação ao poder “salvador” da ciência, causado pelo desenvolvimento da energia nuclear, que aumentou exponencialmente o quadro de destruição no pós-guerra, na política (com suas ideologias totalitaristas) e na religião, que pouco fazia para evitar tais lutas armadas entre países. Graças a isso, abriu-se espaço para um conjunto de novas ideias denominadas então como distopia (RIBEIRO, 2008). O gênero, permeou a literatura e levou ao aparecimento de obras como Admirável Mundo Novo, 1984, Jogos Vorazes e outros.

O que essas obras têm em comum é a história inundada por cenários opressores que parecem entrar em contraste com a popularidade e a capacidade imersiva destas produções. Nesse sentido, à primeira vista, não há motivo óbvio pelo qual alguém queira imaginar-se morando nas ruas vigiadas pelas tele-telas do Grande Irmão ou participar dos Jogos Vorazes. Porém, o que encanta, talvez, os fãs desses mundos futuristas sombrios onde a presença opressora do Estado é inversamente proporcional à qualidade de vida dos cidadãos, e por vezes o futuro da humanidade é amedrontador, é a construção do mundo onde estas histórias acontecem, verdadeiros ambientes fictícios dotados de estética marcante e narrativas inovadoras onde são introduzidos os problemas futuros da nossa sociedade com personagens fortes, memoráveis e autênticos.

De acordo com Cordeiro (2016), o fato de que a maioria dos protagonistas da literatura distópica se encaixa no perfil “peixe fora d’água”, talvez contribua para o fato de que o ambiente onde vivem os protagonistas de contos distópicos, tais como Bernard Marx (**Admirável Mundo Novo**), Katniss Everdeen (**Jogos Vorazes**) e Winston Smith (**1984**), pareça mais interessante e atraente do que os próprios personagens que nele vivem. Porém, isso se torna um meio dos autores para contar uma história que faça refém a atenção do leitor, dentro de um mundo “politicamente acreditável” e com riqueza de detalhes, a fim de oprimir este mesmo leitor com as regras arbitrárias e falta de esperança que permeia a estética distópico-futurista, ao longo destas narrativas.

### 2.2.1 **Jogos Vorazes, a série de filmes de Gary Ross e Francis Lawrence**

Protagonizada por Jennifer Lawrence (Katniss Everdeen), Josh Hutcherson (Peeta Mellark) e Liam Hemsworth (Gale Hawthorne), a série de filmes *Jogos Vorazes* é uma produção norte-americana rodada no Estado da Carolina do Norte. Com produção da Color Force e distribuição da Lionsgate Entertainment, *Jogos Vorazes* conta com roteiro escrito por Billy Ray e Gary Ross em colaboração, no primeiro filme, com Suzanne Collins, a autora dos livros que deram origem à saga.

A história ocorre em um futuro pós-apocalíptico e é narrada em primeira pessoa pela personagem Katniss Everdeen. O enredo do livro se desenvolve sob a sua rotina e sua relação com o melhor amigo, Gale (que possui um amor platônico por ela), a irmã Primrose e sua mãe. Sua moradia é o “Distrito 12”, uma região de um país de nome Panem. Comandados pelo presidente Coriolanus Snow, os cidadãos, com exceção dos da Capital, sofrem há 74 anos com a permanência dos chamados “Jogos Vorazes”, uma batalha televisionada na qual todos os participantes devem lutar até a morte. Tudo começou após uma rebelião dos distritos lembrada como os “Dias Escuros”. Anteriormente, havia a existência de 13 distritos. Com a oposição das regiões contra a Capital, o décimo terceiro distrito é exterminado e os jogos são instituídos.

Para a participação nos “Jogos Vorazes”, é realizada uma seleção específica chamada “Colheita”: jovens de 12 a 18 anos são sorteados, um menino e uma menina de cada distrito. Eis que o destino impõe a Prim a participação como representante de seu distrito. Contudo, Katniss decide proteger a irmã e a substitui.

A partir daí, tem-se um desenrolar de acontecimentos, que vão desde a relação romântica de Katniss com Peeta, o tributo (como são chamados os participantes da competição) masculino de seu distrito, até o confronto com a Capital. Tudo é envolto pelo furor da mídia, com seus flashes e caracterizações exageradas dispostas a mascarar uma realidade repugnante diante dos olhos de uma população entorpecida.

#### **Como o Autoritarismo é retratado?**

Em *Jogos Vorazes*, o autoritarismo não aparece só nos discursos grandiosos ou nas cenas de violência explícita. Ele está nas pequenas coisas do dia a dia - na mãe que aperta a mão do filho

com força quando um soldado passa perto, no silêncio pesado que cai sobre a praça no dia do sorteio, no jeito como os vizinhos viram o rosto quando alguém é levado pelos pacificadores.

A Capital não governa só com armas e soldados. Governa com a fome que está nos estômagos das crianças, com o medo que paralisa até os mais corajosos, com a esperança de que "talvez este ano não sorteiem meu nome". Os Jogos Vorazes são só a parte mais visível de um sistema que já matou aos poucos, no cotidiano, milhares de pessoas.

O mais cruel é como transformam dor em espetáculo. As câmeras na arena não mostram a verdade - mostram o que convém. Um tributo que chora vira "fraco", um que mata vira "herói", tudo editado para entreter à Capital. E o pior é que as pessoas do próprio Distrito assistem, entre horrorizadas e fascinadas, como se aquilo não fosse o filho da costureira ou o irmão do padeiro.

Katniss não quer ser heroína, ela só quer proteger a irmã e sobreviver mais um dia. Mas num mundo onde até o ato de dar um pedaço de pão a um faminto é rebeldia, onde cantar para uma menina morrendo vira protesto, a vida comum já é política. Seu poder está justamente em não jogar o jogo da Capital - ser empática com seus semelhantes e não se deixar ser "contaminada" pelo mal que corrompe Panem.

Quando a revolução vem, não é bonita como nos contos. É suja, cheia de mentiras e sacrifícios terríveis. E no final, mesmo depois da vitória, Katniss ainda lembra aos gritos à noite, ainda se encolhe quando ouve um barulho forte. Porque regimes caem, mas as marcas que deixam nas pessoas não somem tão fácil.

O que fica é a pergunta: quantas vezes nós também nos acostumamos com o inaceitável? Quantas vezes tratamos a dor dos outros como espetáculo? A força de Jogos Vorazes está em nos fazer olhar no espelho e ver que, no fundo, a realidade de Panem não está tão longe assim.

### **2.2.2 A Revolução Dos Bichos, de George Orwell**

"A Revolução dos Bichos" é uma fábula escrita por George Orwell e publicada em 1945. A obra tem como objetivo satirizar a Revolução Russa e os regimes totalitários que surgiram no século XX, como o stalinismo. A história se passa em uma fazenda chamada Granja do Solar, onde os animais se revoltam contra seus donos humanos e estabelecem um sistema social próprio, baseado em ideais igualitários e justos. O período histórico em que foi publicado, logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, é de extrema importância para um melhor entendimento da essência da obra.

A história começa com os animais da Granja do Solar, liderados pelo porco Major, se reunindo para discutir suas condições de vida e as injustiças que sofrem na fazenda do sr. Jones. Major explica sua visão de que todos os animais são iguais e devem lutar contra seus opressores humanos.

Infelizmente o porco Major fica doente e falece, sendo assim, os porcos Napoleão e Bola-de-Neve emergem como “pensadores” e lideram a revolução, estabelecendo um novo regime em que todos os animais são donos da fazenda e trabalham em prol do bem comum.

Inicialmente, o novo sistema parece funcionar bem, com os animais trabalhando juntos para melhorar a Granja do Solar. No entanto, os porcos Napoleão e Bola-de-Neve logo começam a ter diferenças ideológicas e se dividem. Napoleão, que se torna o líder absoluto da Granja, começa a utilizar táticas autoritárias e manipuladoras para manter seu poder e reescrever a história, enquanto Bola-de-Neve é expulso pela força de cães de guarda e torna-se um inimigo da fazenda.

Aos poucos, os porcos vão se tornando cada vez mais opressores e egoístas, utilizando a força e a violência para manter seu poder sobre os outros animais. O ideal da igualdade e da liberdade é abandonado, e a Granja do Solar se transforma em um regime totalitário em que apenas os porcos e seus leais funcionários (os cães de guarda) têm privilégios e direitos, podendo acordar mais tarde, não trabalhar, ter um lugar melhor para dormir, receber mais comidas, entre outras luxúrias, e ainda praticar atos contrários aos sete mandamentos da granja.

Passaram a condenar os opositores como “infiltrados” e executá-los à frente de todos, ainda que um dos sete mandamentos fosse que um animal jamais deveria matar outro. Qualquer tentativa de argumentação ou protesto era rapidamente reprimida.

Os porcos passaram a alterar os mandamentos da granja (pois a grande maioria era analfabeta) em prol de seus próprios benefícios, até o ponto em que os mandamentos passaram a ser resumidos em apenas um: “todos os bichos são iguais, mas uns são mais iguais que os outros”. Eram extremamente hipócritas, pregando que não se devia usar objetos feitos por humanos e que não se devia ter contato com eles, mas fazendo-os secretamente. Prometiam dias de fatura e aposentadoria para que os animais trabalhassem disciplinadamente e aceitassem viver sob condições cada vez mais deterioradas.

Pouco a pouco os animais que viveram a época do Sr. Jones foram morrendo, e foi se esquecendo como era antes da Revolução. Como um irônico desfecho, os porcos aparecem andando sobre duas patas, contrariando um dos mandamentos do início da Revolução, onde “quatro patas bom, duas patas ruim”. E, finalmente, os porcos unem-se definitivamente aos humanos.

### **Como o Autoritarismo é retratado?**

Em *A Revolução dos Bichos*, a crueldade do poder não chega com estrondo de tanques ou discursos grandiosos. Ela se insinua nos cantos escuros da granja, nos gestos pequenos que ninguém ousa questionar. É o leite que desaparece silenciosamente das cubas. São as maçãs colhidas a suor que magicamente viram "reserva técnica para os cérebros". É o modo como os porcos, pouco a pouco, deixam de dormir na palha com os outros e passam a habitar a casa

grande — primeiro "para organizar os papéis", depois "por causa do barulho", até que ninguém mais lembra por que aquilo era errado.

Os animais não percebem o abismo se abrindo porque estão ocupados demais sobrevivendo. O cavalo Sansão ara a terra sob sol e neve, repetindo como um mantra: "*Trabalharei mais!*". Seu suor escorre no chão que ele acredita ser seu. Quando desaba, exausto, os porcos o vendem para ser transformado em cola e outros produtos. O caminhão do matadouro tem "Matadouro de Cavalos, Fabricante de Cola, Peles e Farinha de Ossos" pintado na lateral, mas o porco Garganta convence todos de que era uma ambulância. Até o fim, Sansão acreditou. Sua última vista turva ainda procurava Napoleão no portão, como se o líder pudesse salvá-lo.

As regras escritas na parede do celeiro vão sendo riscadas e reescritas à noite. "*Nenhum animal beberá álcool*" ganha um "*em excesso*" minúsculo. "*Todos são iguais*" transforma-se, sem alarde, em "*mas alguns são mais iguais*". As ovelhas, antes fanáticas por gritar "*Quatro patas bom, duas patas ruim!*", de repente gritam "*Quatro patas bom, duas patas melhor!*" sem piscar. Ninguém discute.

O mais devastador não é a traição dos porcos. É a cumplicidade silenciosa dos outros. A gata que falta às reuniões, mas aparece na hora do jantar. O burro Benjamin, que sabe a verdade, mas cala "*porque nada nunca melhora*". As galinhas que entregam seus ovos para o moinho falido porque temem os dentes dos cães. A revolução morre assim: não com um grito, mas com um suspiro coletivo de resignação.

No final, quando os animais espreitam pela janela da casa-grande, veem os porcos e humanos brindando com copos de cristal. As patas de Napoleão segurando o vinho parecem mãos. Os gritos viram risadas humanas. As leis do celeiro estão reduzidas a uma única frase, pintada por cima de todas as outras:

***"Todos os animais são iguais, mas alguns são mais iguais que os outros."***

E ali, na lama do pátio, os animais já não sabem responder à pergunta que o velho Major fizera anos atrás: "O que é isso que se move diante de nossos olhos? É um porco? É um homem? Ou só o que sobrou da nossa própria dignidade?"

Orwell não nos conta uma fábula sobre animais. Nos mostra o momento em que o oprimido vira opressor sem perceber. Nos sussurra que toda tirania começa com um passo pequeno — um grão de milho roubado, uma mentira dita com sorriso doce, a primeira vez que você desvia o olhar para não ver o caminhão do matadouro levando embora a última coisa em que ainda acreditava.

### **2.2.3 A Censura e a Alienação Social em Fahrenheit 451: Uma Crítica à Sociedade Contemporânea**

Em uma sociedade monótona e totalitária, onde os livros são proibidos e os bombeiros causam incêndios em vez de apagá-los. Nesse contexto, a censura institucionalizada e a alienação coletiva caminham juntas, moldando uma sociedade apática, conformista e dependente de estímulos superficiais, mas dentre toda essa manipulação, uma esperança surge “Guy Montag”, o protagonista do livro “**Fahrenheit 451**” publicado em 1953 e escrito por Ray Bradbury, escritor norte-americano.

No universo do livro, em um dia comum pós o trabalho sendo bombeiro e transformando os livros em cinzas, o protagonista Montag retorna a sua casa, mas, durante seu caminho, ele se encontra com uma jovem adolescente, Clarisse era seu nome, ela era fascinada pelo mundo, Montag a estranhou, já que não estava em frente a uma televisão como todo o resto da cidade, naquele momento, foi perceptível que Clarisse não fazia parte do padrão imposto pela sociedade, que é estar presa em uma constante busca por entretenimento e distrações.

Ao decorrer do livro, essa personagem tão curiosa começou a se questionar sobre tudo o que lhe foi ensinado uma vez, questionou sobre o porquê de os bombeiros incinerar livros e bibliotecas, sendo que no passado, o papel da profissão era justamente o contrário, seu papel não era destruir os livros, que seus ensinamentos e histórias sejam apagados juntos com aquele que o carrega, mas sim controlar o fogo e salvar todos aqueles que estejam em perigo, Montag sendo um bombeiro começou a se questionar, de pouco em pouco, ele foi abrindo sua mente para novos pensamentos e ali foi percebendo o quanto o governo controlava a sociedade, seja por telas, por ensinamentos na escola ou pela uma cultura totalmente controladora e alienada.

Durante uma missão para queimar a casa da senhora Blake, acusada de guardar livros, Montag presencia a resistência dela, que prefere morrer com seus livros, mostrando o valor simbólico da leitura em uma sociedade totalitária. Impactado, Montag começa a questionar o sistema. Em casa, enfrenta a alienação da esposa Mildred, que está absorta na televisão e reage com medo ao descobrir os livros escondidos. O chefe dos bombeiros, Beatty, sabendo do roubo de Montag, uma Bíblia, confronta-o e exige a devolução do livro, evidenciando o controle rígido sobre o conhecimento.

Sem amigos, sem Clarisse e com uma esposa distante e alienada, Montag decidiu procurar ajuda. Ele foi atrás de Faber, um antigo professor de inglês aposentado, que vivia sozinho e ainda amava os livros. Apesar de ser muito medroso, Faber era muito inteligente. Com seu conhecimento, construiu um pequeno rádio transmissor que permitia a ele e Montag se comunicarem à distância, sem serem descobertos.

Juntos, decidiram tentar mudar a realidade em que viviam. Acabaram montando um plano juntos, que era roubar livros e colocá-los escondidos nas casas dos bombeiros, depois ligar para os alarmes e denunciar os próprios colegas. Dessa forma, queriam expor a hipocrisia do sistema.

Após romper com os valores impostos por uma sociedade censora e alienada, Montag entrega um livro falso para proteger a Bíblia verdadeira, que deixa aos cuidados de Faber. Pouco depois, é surpreendido ao descobrir que sua própria casa será incendiada, por denúncia de sua esposa,

Mildred. Obrigado a destruir sua residência, Montag reage contra o chefe Beatty e os demais bombeiros, mata-os com um lança-chamas e foge, enfrentando também o Sabujo Mecânico.

Durante a fuga, planta livros na casa de outro bombeiro e denuncia o endereço, como parte de seu plano com Faber. Com a cidade em alerta, busca refúgio com um grupo de andarilhos que decoram livros para preservar o conhecimento. Ali, Montag encontra novos aliados e assume a missão de manter viva a memória das obras.

Enquanto isso, a guerra explode e destrói a cidade, símbolo da alienação e da censura extrema. Montag sobrevive e, ao final, torna-se ele mesmo, como dito no livro, um “livro vivo”, comprometido com a reconstrução do saber e a resistência à opressão.

### **Censura e Controle**

No governo presente no livro, é dito que ao longo de muitos anos, a história e toda a evolução da sociedade foram alteradas com o objetivo de manipular a visão, opinião e vivências de uma população, com isso, os livros tornaram-se algo proibido e desprezado, a leitura foi abandonada e conseqüentemente, o senso crítico, criatividade e aprendizagem foi negligenciada.

Segundo a professora Aline (PUCRS, 2023) a leitura é uma forma de ampliar competências, pois melhora a escrita, expande o vocabulário, estimula a criatividade e desenvolve o senso crítico. Por isso, o governo totalitário e ditador, escolheu tirar justamente os livros e modificando o objetivo dos bombeiros, onde, na nossa sociedade eles devem apagar o fogo e salvar as pessoas do incêndio, mas em Fahrenheit 451, os bombeiros ateiam fogos e abandonam para a morte todas as pessoas que encostam ou carregam um livro ou uma biblioteca.

A morte da senhora Blake, que prefere morrer junto aos seus livros, exemplifica o poder transformador da literatura e o valor da memória histórica para a construção da identidade humana. Já a reação de Mildred, esposa de Montag, demonstra como a alienação causada pelo excesso de estímulos superficiais e a ausência do contato com a leitura podem afastar o indivíduo da própria humanidade e dos vínculos sociais.

A trajetória de Montag revela a importância da resistência intelectual e do compromisso com o conhecimento para a reconstrução de uma sociedade mais consciente e livre. Em meio à destruição e à guerra iminente, os andarilhos que decoram livros para preservá-los simbolizam a esperança de que a cultura e o saber possam sobreviver mesmo diante da repressão.

Portanto, “Fahrenheit 451” é um alerta contundente sobre os riscos da censura, da manipulação midiática e do abandono da leitura, reforçando a necessidade de valorizarmos a educação, o pensamento crítico e a liberdade de expressão como pilares fundamentais para o progresso social e humano.

### **2.3 Convergências entre cenários reais e universos fictícios**

Sempre existiu um debate intenso entre o que é real e o que é inventado, presente na filosofia, na literatura e até na ciência. Apesar de parecerem campos separados, eles se misturam com frequência, tornando difícil distinguir o que é fato do que é fruto da imaginação. Ao longo dos tempos, autores e pensadores têm explorado essa fronteira, vendo a ficção não só como diversão, mas como uma forma de entender e até mudar a realidade. A realidade é o mundo concreto que vivemos diariamente. São as coisas que podemos tocar, ver, ouvir, cheirar, sentir, tudo o que percebemos pelos nossos sentidos e que outras pessoas podem compartilhar e confirmar. A realidade, então, é o que podemos observar, o que segue uma lógica clara e pode ser provado.

No entanto, a realidade não é algo fixo e inquestionável. Cada um a interpreta com base em suas vivências e em sua forma de ver o mundo, e ela está sempre sendo moldada pela sociedade, pela cultura e pela história. A forma como percebemos a realidade não é totalmente objetiva, mas influenciada por nossos valores, crenças e experiências. Assim, a realidade se torna algo dinâmico e complexo, que pode ser interpretado de várias maneiras.

Por outro lado, a ficção, em suas diversas formas, tem o poder de mudar a forma como vemos a realidade. Uma boa história não só diverte, mas também desperta emoções e nos faz pensar, mudando nossa visão do mundo. Os elementos da ficção, como histórias, personagens e lugares, refletem a sociedade, mostrando verdades, expondo problemas e desafiando regras que consideramos normais. Isso leva as pessoas a questionarem sua própria realidade, desfazendo certezas e incentivando uma análise crítica.

Portanto, a literatura não é só um passatempo, mas uma ferramenta poderosa para transmitir ideias, valores e diferentes formas de ver o mundo. Ela pode moldar a cultura e influenciar o comportamento das pessoas, mudando a forma como elas se relacionam com o que está ao seu redor. Ao abordar temas como a busca por justiça, problemas morais e sociais e questões emocionais, a ficção nos ensina e nos faz refletir, permitindo que exploremos questões humanas de forma interessante.

Assim, a fronteira entre o que é real e o que não é se torna um terreno fértil para discussões no campo da educação. Ao empregarmos a literatura no processo de ensino, conseguimos dar vida a conceitos complexos, proporcionando aos estudantes a oportunidade de refletir sobre cenários inventados que espelham a realidade do mundo ao nosso redor. Essa metodologia não só aprimora o aprendizado, mas também fomenta o desenvolvimento de habilidades de análise e de pensamento crítico, essenciais para uma compreensão mais profunda do mundo.

Em obras como "1984", de George Orwell, e "O Processo", de Kafka, a história e a sociedade se entrelaçam com a ficção de maneira fascinante, construindo universos marcados pelo controle e pela opressão. Apesar de se passarem em mundos imaginários, essas narrativas espelham realidades políticas e sociais contemporâneas, criticando duramente os sistemas autoritários e o abuso de poder.

### 2.3.1 O processo, de Franz Kafka

A obra de Kafka se destaca ao retratar o dilema existencial de seus personagens. Em "O Processo", a dúvida sobre a própria inocência de Josef K. é angustiante. A incerteza sobre seu papel em um sistema que o persegue sem motivo aparente reflete uma crítica ao vazio existencial criado por um sistema de poder impessoal. Ao questionar a ausência de um juiz ou de uma instância superior que possa oferecer respostas, ele expressa tanto sua angústia pessoal quanto uma crítica à alienação do indivíduo em relação a um sistema desumano. Kafka critica a burocracia e denuncia a deterioração moral que ela causa. Ao mostrar um sistema judiciário distante da realidade, ele revela como o Estado pode se tornar uma máquina opressiva que destrói a dignidade humana. Em um momento marcante, o personagem fala sobre a organização por trás da justiça, com juízes e policiais, que, em vez de servir à justiça, perpetuam a corrupção. A visão de Kafka, com seus guardas gananciosos, descreve um sistema de poder que serve a si mesmo, ignorando os direitos dos indivíduos.

Ao confrontar a narrativa de "O Processo" com exemplos concretos de abuso de poder e desonestidade nas engrenagens políticas e judiciárias, torna-se evidente como a literatura pode prever e espelhar as problemáticas da coletividade. A análise perspicaz de Kafka acerca da fragmentação da individualidade perante um governo autoritário permanece relevante, visto que a realidade contemporânea persiste em lidar com desafios análogos, onde a equidade é amiúde deturpada e os indivíduos mais desfavorecidos são, os mais lesados.

### 2.3.2 1984, de George Orwell

Quando publicou *1984*, em 1949, George Orwell não entregou apenas um romance ao mundo, mas também um aviso claro sobre os perigos da tirania e da concentração de poder nas mãos de poucos. A história se passa em um futuro sombrio e sufocante, onde um Estado totalitário chamado Oceania é comandado pelo sempre presente Partido e pela figura do Grande Irmão. Nesse lugar, tudo é vigiado, tudo é controlado, até mesmo os pensamentos.

Orwell não inventou isso do nada. Ele viu de perto os horrores do século XX: o regime nazista de Hitler, o governo de Stalin na União Soviética e a manipulação política que testemunhou pessoalmente durante a Guerra Civil Espanhola, onde lutou como voluntário. Esses acontecimentos serviram de base para sua crítica forte e direta: um mundo onde o poder é absoluto e a liberdade das pessoas é completamente destruída.

A força de *1984* não está apenas na sua história inventada, mas na forma como ela se conecta com a realidade vivida por milhões de pessoas sob governos autoritários. Orwell criou mais do que uma história triste sobre o futuro, ele nos deu um espelho incômodo para olhar o passado e o presente. A chamada "distopia" não é só uma visão negativa do que pode vir, mas um alerta forte contra o avanço silencioso da repressão. O livro nos faz pensar sobre os perigos da obediência cega e o quanto perdemos quando deixamos que a liberdade vá embora sem lutar por ela.

Em *1984*, o controle sobre as pessoas é total e aparece de maneira cruel e, muitas vezes, silenciosa. Por meio das chamadas "teletelas", todos são vigiados o tempo todo. Nada escapa: nem palavras, nem gestos, nem pensamentos. Essa vigilância lembra muito o trabalho das polícias secretas do século passado, como a Gestapo e a KGB, que mantinham as pessoas em constante medo. Esse medo entrava nas relações pessoais, dentro das casas, dentro das mentes. Com o tempo, as pessoas aprendiam a se calar e a esconder o que pensavam, não por escolha, mas para sobreviver.

E o controle vai além da vigilância. Um dos instrumentos mais assustadores do Partido é a "Novafala", uma linguagem criada para reduzir o número de palavras e, com isso, limitar o pensamento das pessoas. Quando se tira palavras, tira-se também a capacidade de pensar de forma crítica. A Novafala torna impossível expressar dúvidas ou se opor ao governo. O objetivo não é só controlar o que as pessoas dizem, mas também o que elas pensam. Isso lembra muito as estratégias usadas por governos autoritários, que controlam o que pode ou não ser dito e escondem informações como forma de controlar a população.

Outro ponto importante do livro é o "duplipensar": a capacidade de aceitar duas ideias que se contradizem como se ambas fossem verdade. Essa confusão é incentivada pelo Partido e mostra o nível máximo da manipulação. A lógica e a razão são distorcidas até que deixem de fazer sentido. É isso que permite, por exemplo, que guerras sejam chamadas de "missões de paz" ou que repressões sejam apresentadas como "medidas de segurança". A verdade, nesse mundo, não é mais o que pode ser provado, mas o que o poder manda que se acredite.

No centro desse sistema está o Ministério da Verdade, onde trabalha o personagem principal, Winston Smith. Sua função é reescrever documentos, apagar fatos, mudar o que está registrado. A história é alterada o tempo todo para se encaixar nos interesses do Partido. E quando o passado é manipulado, perdemos qualquer referência segura, o que facilita ainda mais o controle. Essa ideia lembra os expurgos feitos por Stalin, onde pessoas eram apagadas das fotos e da história oficial.

Orwell mostra que o controle não precisa ser sempre violento para funcionar. A opressão pode ser invisível, entrando nos pensamentos, na linguagem, na memória. Mesmo muitos anos depois de sua publicação, *1984* ainda tem muito a dizer. Em várias partes do mundo, formas parecidas de controle continuam ativas: vigilância digital, censura disfarçada, manipulação da história e silenciamento de vozes críticas.

### **2.3.3 Kafka e Orwell: Reflexos de Momentos Históricos**

Tanto Kafka quanto Orwell mostram, cada um ao seu jeito, como o ser humano pode ser esmagado por forças que ele não entende, mas que o controlam com força. Suas obras são retratos intensos de épocas marcadas por burocracias pesadas e governos autoritários que tiram a dignidade das pessoas em nome da ordem.

Em *O Processo*, acompanhamos Josef K., um homem preso sem saber por que, que enfrenta um processo confuso e sem fim. A falta de lógica e o frio sistema burocrático mostram uma estrutura que apaga o indivíduo. O que vemos ali é o sistema de justiça virando uma máquina que destrói vidas. Essa ideia não fica só na ficção: no regime nazista, por exemplo, a perseguição a judeus, opositores e minorias era feita por meio de um monte de leis que davam aparência legal à violência.

A mesma coisa aconteceu na União Soviética, com julgamentos secretos e os expurgos comandados por Stalin. Pessoas comuns eram acusadas sem provas e sumiam em nome de uma ordem que não podia ser questionada. A burocracia, nesse caso, não era só um sistema de organização, era uma ferramenta de medo e silêncio. Kafka, com seu olhar desconfiado sobre o mundo moderno, captou isso de forma muito clara.

Orwell, por outro lado, fala do autoritarismo de maneira mais direta e política. Em *1984*, o Estado controla tudo: o corpo, a mente, a história. A Polícia do Pensamento funciona como a Gestapo ou a KGB, perseguindo qualquer sinal de rebeldia com métodos cruéis. A repressão é constante, e o poder decide até mesmo o que é real.

A sensação de estar sempre sendo vigiado, que aparece em *1984* e em *O Processo*, pode ser comparada a vários momentos da história. Durante a Revolução Cultural na China, por exemplo, pessoas eram incentivadas a denunciar familiares e vizinhos. No Brasil, durante a ditadura militar a partir de 1964, muita gente foi perseguida por suspeita de ser contra o governo, e alguns nunca mais foram vistos. A literatura, nesses casos, apenas mostra o que a história já provou. Kafka e Orwell fazem a mesma denúncia: o autoritarismo não aparece só com armas e soldados, mas também com papéis, relatórios, câmeras e discursos planejados. Eles mostram como o medo e a solidão são usados para garantir o silêncio e a obediência. Seus livros continuam importantes porque ainda vivemos em um mundo onde a liberdade, muitas vezes, é trocada por promessas de segurança ou ordem.

Ler *1984* e *O Processo* é mais do que visitar mundos tristes e controlados. É pensar sobre o quão frágil é a liberdade e o quão fácil ela pode desaparecer. É perceber que, por trás da ficção, existe sempre um alerta: precisamos estar atentos, resistir e proteger a dignidade humana contra os abusos do poder.

### **3. Pesquisa de Campo**

A pesquisa de campo referente ao tema “Distopia” foi realizada através de um questionário quantitativo e qualitativo, via plataforma Google Docs, contando com a colaboração de 201 pessoas de idades e gêneros diferentes. O questionário é composto por 10 (dez) questões, sendo 9 (nove) questões de alternativas e 1 (uma) dissertativa, possuindo perguntas direcionadas para todos os tipos de pessoas. Tendo como objetivo analisar o nível de conhecimento das pessoas sobre o conceito de Distopia, suas percepções de mundo, opiniões sobre governos autoritários,

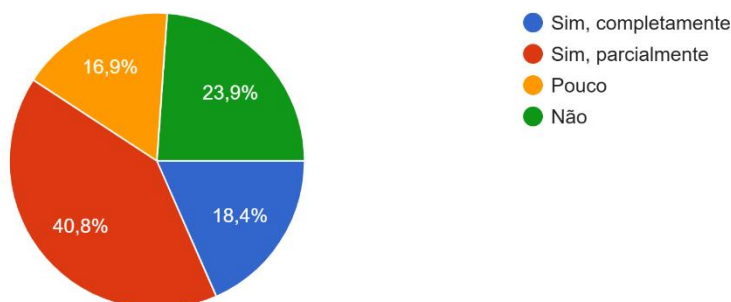
e por fim, disseminar o significado de Distopia, fazendo com que a sociedade reflita em como cenários que parecem estar somente em mídias cinematográficas podem se assemelhar com a realidade de alguns governos pelo mundo. A pesquisa foi divulgada em meios digitais (WhatsApp e Instagram) e no ambiente escolar.

### 3.1 Análise das Respostas Quantitativas

#### Gráfico 1- Você já conhecia o conceito de Distopia?

Você já conhecia o conceito de Distopia?

201 respostas



**Fonte: Alunos da Etec JK**

Ao observar o gráfico é possível concluir que a maior parte das pessoas entrevistadas conhecem parcialmente sobre o conceito de distopia (40,8%).

O segundo maior dado desse gráfico é das pessoas que não conhecem ou nunca ouviram falar sobre o conceito de distopia (23,9%).

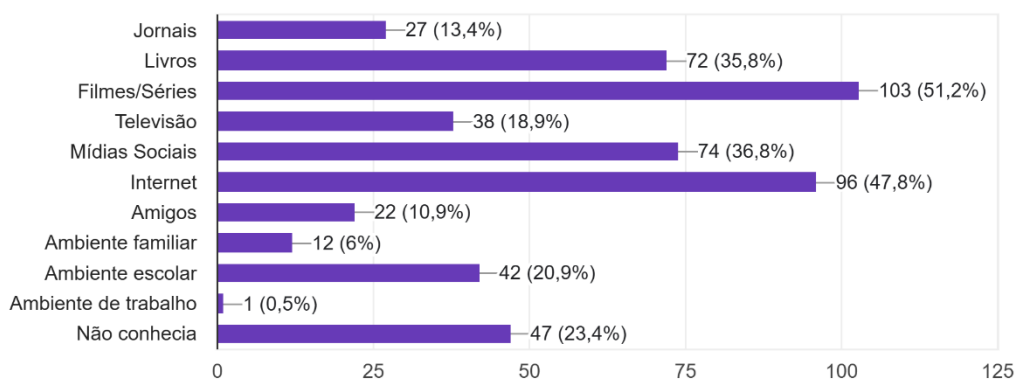
Em terceiro lugar no gráfico está a quantidade de pessoas que conhecem totalmente sobre o conceito de distopia (18,4%).

Dessa forma, observa-se que as porcentagens não estão tão destoantes entre si e o gráfico está bem uniforme nos resultados. A diferença entre o maior e o menor resultado é de apenas 23,9%. Nota-se também que boa parte das pessoas conhecem sim sobre o tema, porém há uma parte considerável que nunca ouviu falar, o que faz concluir que o tema deveria ser mais abordado entre a sociedade.

## Gráfico 2 - Se sim, por quais meios você geralmente toma conhecimento sobre?

Se sim, por quais meios você geralmente toma conhecimento sobre? Selecione quantos forem necessários.

201 respostas



Fonte: Alunos da Etec JK

Ao analisar o gráfico é possível concluir que a maior parte das pessoas entrevistadas toma conhecimento a respeito do tema através de livros (51,2%).

O segundo maior dado desse gráfico é das pessoas que geralmente tomam conhecimento pela internet (47,8%).

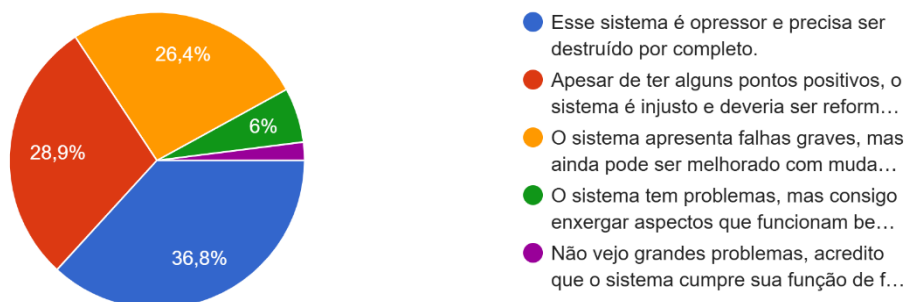
Em terceiro lugar no gráfico está a quantidade de pessoas conhecerem o conceito pelas mídias sociais (36,8%)

Podemos concluir que, no mundo atual, a internet e tudo o que ela engloba virou uma nova forma acessível e prática de se aprender novos conceitos.

## Gráfico 3 – A respeito desse sistema, qual afirmação mais condiz com a sua opinião?

A respeito desse sistema, qual afirmação mais condiz com a sua opinião?

201 respostas



**Fonte: Alunos da Etec JK**

Ao observar o gráfico é possível concluir que a maior parte das pessoas entrevistadas acreditam que esse sistema é opressor e precisa ser destruído por completo (36,8%).

O segundo maior dado desse gráfico é das pessoas que acham que esse sistema (Distopia) tem alguns pontos positivos, porém é injusto e deveria ser reformulado (28,9%).

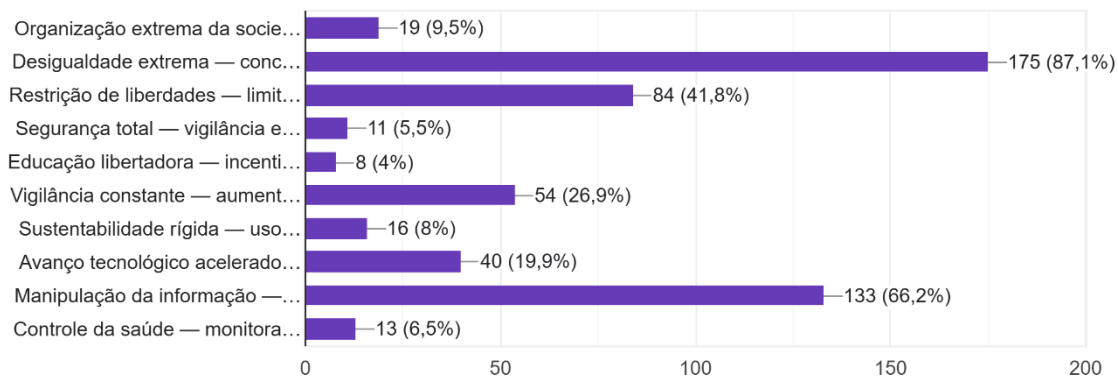
Em terceiro lugar no gráfico está a quantidade de pessoas que tem como opinião que o sistema apresenta falhas graves, mas ainda pode ser melhorado (26,4%).

Dessa forma, observa-se que as porcentagens apresentam certa variação, mas ainda assim revelam uma tendência clara de insatisfação geral com o sistema. A diferença entre o maior e o menor resultado é significativa, mostrando que poucos consideram o sistema plenamente funcional. Nota-se também que a grande maioria das pessoas identifica falhas que vão desde problemas moderados até a necessidade de reconstrução total, o que faz concluir que o sistema, na percepção dos participantes, precisa urgentemente de melhorias expressivas.

**Gráfico 4 – Quais características do sistema distópico você observa nos governos atuais?**

Quais características do sistema distópico você observa nos governos atuais? Selecione quantos forem necessário.

201 respostas



**Fonte: Alunos da Etec JK**

Ao observar o gráfico, é possível concluir que a característica mais percebida pelos entrevistados nos governos atuais é a desigualdade extrema, representada por 175 respostas (87,1%).

O segundo maior dado do gráfico corresponde à manipulação da informação, selecionada por 133 pessoas (66,2%).

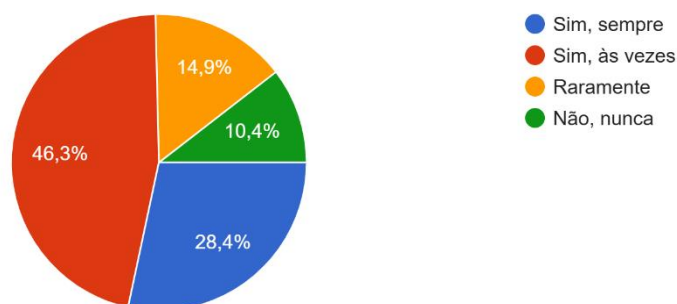
Em terceiro lugar aparece a vigilância constante, mencionada por 54 participantes (26,9%).

Dessa forma, observa-se que as porcentagens variam bastante entre si, evidenciando que algumas características são percebidas de forma muito mais intensa que outras. A diferença entre o maior e o menor resultado é marcante, o que mostra que certos elementos distópicos — como desigualdade e manipulação da informação — são amplamente reconhecidos pela população. Nota-se também que, apesar de haver uma diversidade de opiniões, a maioria identifica traços significativos de distopia nos governos atuais, o que reforça a percepção de que esses aspectos merecem maior atenção e discussão social.

**Gráfico 5 – Você já se sentiu ameaçado ou enganado por algum governante?**

Você já se sentiu ameaçado ou enganado por algum governante?

201 respostas



**Fonte: Alunos da Etec JK**

Ao observar o gráfico é possível concluir que a maior parte das pessoas entrevistadas sempre se sentem ameaçados ou enganados por algum governante (46,3%).

O segundo maior dado desse gráfico é das pessoas que às vezes se sentem ameaçados ou enganados por algum governante (28,4%).

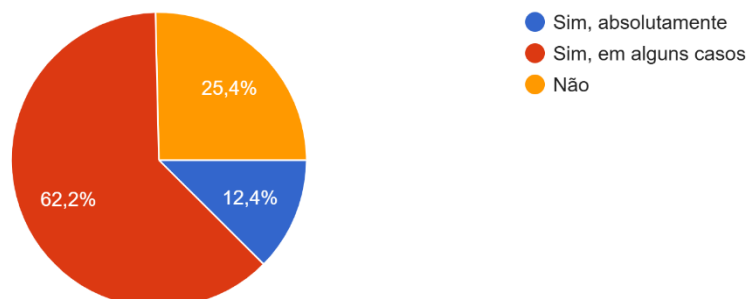
Em terceiro lugar no gráfico está a quantidade de pessoas que raramente se sentem ameaçados ou enganados por algum governante (14,9%).

Os dados revelam um forte clima de desconfiança em relação aos governantes. A maioria dos entrevistados (46,3%) afirma sempre sentir-se ameaçada ou enganada, enquanto 28,4% dizem que isso ocorre às vezes, mostrando que a insegurança política é predominante. Já 14,9% raramente têm essa percepção, e apenas 10,4% nunca se sentem dessa forma, indicando que a confiança plena é limitada. De modo geral, o conjunto das respostas aponta para uma relação fragilizada entre a população e seus governantes, sugerindo a necessidade de maior transparência e proximidade para reconstruir a credibilidade das instituições políticas.

**Gráfico 6 – Você acredita que os sistemas distópicos foram totalmente anulados do mundo?**

Você acredita que os sistemas distópicos foram totalmente anulados do mundo, ou fazem parte da realidade dos governos?

201 respostas



**Fonte: Alunos da Etec JK**

Ao observar o gráfico é possível concluir que a maior parte das pessoas entrevistadas acreditam que os sistemas distópicos foram totalmente anulados do mundo ou fazem parte do governo atual, apenas em alguns casos (62,2%).

O segundo maior dado desse gráfico é das pessoas que acreditam completamente que os sistemas distópicos foram totalmente anulados do mundo ou fazem parte do governo atual (25,4%).

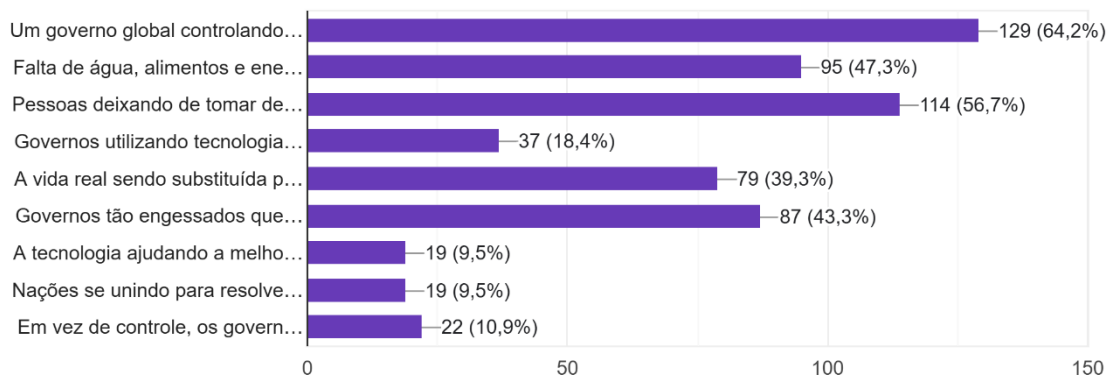
Em terceiro lugar no gráfico está a quantidade de pessoas que não acham que os sistemas distópicos foram totalmente anulados do mundo ou fazem parte do governo atual, apenas em alguns casos (12,4%).

De modo geral, os resultados sugerem que, embora exista uma tendência predominante de acreditar que os elementos distópicos foram controlados ou absorvidos, ainda há diversidade nas percepções sobre o grau real de influência desses sistemas no mundo atual.

**Gráfico 7 - Na sua visão, o que poderia acontecer para que o mundo atual se assemelhe a uma distopia?**

Na sua visão, o que poderia acontecer para que o mundo atual se assemelhe a uma distopia?  
Selecione quantos forem necessário.

201 respostas



**Fonte: Alunos da Etec JK**

Analisando o seguinte gráfico, podemos concluir que a maioria dos respondentes (64,2%) confirmam que em suas visões o que poderia acontecer para que o mundo atual se assemelhe a uma distopia seria que “Um governo global controlando cada aspecto da vida, sem liberdade, com vigilância 24h”; em segundo lugar, fica a seguinte resposta “Pessoas deixando de tomar decisões próprias porque tudo é controlado por algoritmos.” Respondida por mais da metade dos respondentes (56,7%).

Em terceiro lugar ficou a alternativa “Governos tão engessados que qualquer ação simples (como estudar, viajar, trabalhar) depende de aprovações sem fim.” Com (43,3%) das respostas totais.

Concluindo, a percepção geral dos participantes aponta para um futuro onde a perda da autonomia seja pela vigilância extrema, pelo controle algorítmico ou pela burocracia excessiva é vista como o principal elemento capaz de transformar o mundo em uma distopia. Assim, nota-se uma preocupação coletiva com o enfraquecimento da liberdade individual e com o aumento de mecanismos de controle que limitariam escolhas e ações cotidianas.

### 3.2 Análise das Respostas Qualitativas

---

Na trilogia "Jogos Vorazes", o presidente absolutista Snow, submete toda sua população a situações precárias e desumanas, sendo censurados e manipulados diariamente. Enquanto a "Capital" - população mais rica de Jogos Vorazes - vive uma vida luxuosa, exagerada e "perfeita", os "Distritos" - população mais pobre - lutam para sobreviver em meio ao caos, a fome e a miséria.

Você consegue identificar um cenário semelhante acontecendo atualmente? Se sim, dê um exemplo.

Nessa pergunta quantitativa 56 pessoas responderam que não conhecem um cenário semelhante, 8 pessoas não responderam e 3 pessoas conseguiram identificar um cenário parecido, mas não deram exemplo.

Dessa forma, é possível dizer que a maioria das pessoas ainda não conseguem identificar um cenário parecido com o da trilogia e as poucas pessoas que foram capazes de identificar um cenário semelhante não citaram um exemplo.

Por conseguinte, podemos concluir que as respostas deste questionário foram de extrema importância para a nossa compreensão perante a influência das distopias no cenário real e os conhecimentos da sociedade acerca de governos que utilizam caráter distópico. Um de nossos objetivos era expandir a consciência das pessoas sobre o real conceito de distopia e como ela está presente em governos atuais que utilizam práticas distópicas que muitas vezes são passadas despercebidas. Com esse questionário observamos que muitas pessoas não sabiam sobre o que se tratava uma distopia e concluímos nosso objetivo de instruí-las.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho traz a questão problema que coloca a distopia como possível fator determinante para alertar os perigos do autoritarismo e da censura, além disso, tem como objetivos gerais mapear de que maneira o autoritarismo e a censura fazem parte da realidade distópica de uma sociedade, entender em uma perspectiva histórica e social a realidade das distopias e identificar os meios pelos quais as distopias se manifesta.

A metodologia da pesquisa eminente no trabalho tem como objetivo alcançar a solução problema por meio de análises de especialistas, esclarecendo quais fatores contribuem de alguma maneira para a causa do fenômeno abordado, assim como a contribuição da distopia para alertar os perigos do autoritarismo e da censura. A pesquisa apresenta dados quantitativos e qualitativos, restrita a profissionais e especialistas da área, a fim de atender a concepção dos profissionais a respeito da questão problema, visto que as respostas fornecidas por especialistas tendem a ser mais precisas, baseadas em conhecimento técnico e experiência. Isso oferece segurança e confiabilidade, especialmente em áreas complexas que auxiliam na compreensão das respostas.

Além de evidenciar os riscos presentes em sociedades controladas, o estudo demonstra que as distopias funcionam como importantes ferramentas de estudo e reflexão capazes de aproximar temas complexos – como autoritarismo, censura, vigilância excessiva, manipulação da informação e restrição da liberdade – da compreensão do público geral. A partir da análise de obras literárias, cinematográficas e de momentos históricos, percebe-se que a narrativa distópica atua não apenas como crítica social, mas também como forma de prevenção a esses possíveis cenários, permitindo que o leitor identifique sinais de opressão presente em sua própria realidade.

Junto a pesquisa e questionários que fizemos, podemos mostrar e provar como as pessoas que consomem as mídias cinematográficas estão cientes sobre o contexto da distopia e como tem mais facilidade a identificar características de governos distópicos aplicados ao mundo real, ainda mais em um período em que a internet e informações se tornam mais acessíveis.

A partir da análise proposta neste trabalho, é possível concluir que as distopias exercem um papel fundamental na reflexão sobre os perigos do autoritarismo e da censura nas sociedades contemporâneas. Ao trazer à tona cenários de controle extremo, repressão e manipulação, as narrativas distópicas não apenas funcionam como críticas sociais, mas também como alertas preventivos contra o surgimento de regimes autoritários e a erosão das liberdades individuais.

A pesquisa realizada, com a utilização de questionários, demonstrou que as distopias têm se tornado uma ferramenta importante para sensibilizar o público em relação aos riscos de sistemas opressivos. Ao analisar as manifestações dessas realidades fictícias, foi possível perceber que, por meio do consumo de mídias cinematográficas e literárias, as pessoas se tornam mais aptas a identificar sinais de regimes totalitários ou de censura em sua própria realidade. Esse processo de conscientização é ainda mais ampliado no contexto atual, onde a internet e o acesso à informação facilitam a disseminação dessas discussões.

Além disso, o estudo mostrou que as distopias, ao abordarem temas como a vigilância excessiva, a manipulação da informação e a repressão da liberdade, atuam como importantes recursos pedagógicos, conectando questões históricas e sociais complexas de maneira acessível. Elas permitem que o público compreenda melhor os perigos iminentes de um sistema autoritário e o impacto que isso pode ter sobre a sociedade como um todo.

Portanto, é possível afirmar que as distopias, longe de serem simples produções fictícias, desempenham um papel crucial na formação de uma consciência crítica sobre a importância da liberdade, da democracia e dos direitos humanos. Elas não só alertam sobre os riscos de regimes autoritários e da censura, mas também incentivam a reflexão sobre como essas dinâmicas podem se manifestar em nossa sociedade atual. Este trabalho, ao investigar a relação entre as distopias e o autoritarismo, reafirma a relevância dessas obras como instrumentos de conscientização e resistência, que ajudam a antecipar e, possivelmente, evitar os perigos de um futuro distópico.

## REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**COHEN, S.** Trump remove termos como gay, lésbica, transgênero, bissexual e LGBTQ dos sites da Casa Branca e de agências federais. *GI – Mundo*, 23 jan. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/mundo/blog/sandra-cohen/post/2025/01/23/trump-remove-terminos-como-gay-lesbica-transgenero-bissexual-e-lgbtq-dos-sites-da-casa-branca-e-de-agencias-federais.ghtml>. Acesso em: 10 mar. 2025.

DA SILVA CORDEIRO, Marcus Augusto; SILVA GOES, Beatriz; NOGUEIRA, Wilson de Souza. Jogos Vorazes e a questão da distopia na série de filmes de Gary Ross E Francis Lawrence. *Revista GEMInIS*, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 257–272, 2016. Disponível em: <https://www.revistageminis.ufscar.br/index.php/geminis/article/view/261>. Acesso em: 11 mar. 2025.

**DO, R.** Resenha do leitor: Livro “Jogos Vorazes”. *Guia do Estudante*. Disponível em: <https://guiadoestudante.abril.com.br/coluna/estante/resenha-do-leitor-livro-jogos-vorazes/>. Acesso em: 15 mar. 2025.

**FLUSSER, Vilém.** *Matraga13*. Disponível em: <https://felipebmansur.wordpress.com/wp-content/uploads/2025/03/matraga13flusser.pdf>. Acesso em: 10 mai. 2025.

**ORWELL, George.** 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

**KAFKA, Franz.** O processo. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

**ARAÚJO, Felipe.** Grande Expurgo. InfoEscola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/uniao-sovietica/grande-expurgo/>. Acesso em: 10 mai. 2025.

**GESTAPO.** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/gestapo.htm>. Acesso em: 11 jun. 2025.

**KGB.** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/kgb.htm>. Acesso em: 15 jun. 2025.

**1984, de George Orwell.** Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/literatura/1984-de-george-orwell.htm>. Acesso em: 15 jun. 2025.

**LITERATURA e política: arma de controle?** *Post Literal*. Disponível em: <https://www.postliteral.com.br/2025/04/literatura-e-politica-arma-de.html>. Acesso em: 20 jul. 2025.

**O PROCESSO (1962) – Resenha.** *Canto dos Clássicos*. Disponível em: <https://cantodosclassicos.com/o-processo-1962-resenha/>. Acesso em: 18 out. 2025.